

INTRODUCTION

Coffee Time News and its journalists travelled via Zoom around the world to Australia to interview the charming Clare Moore whose long career as a drummer in the Australian music scene brought us a whole new perspective on music and a drummer's role in it. Read how Clare Moore grew up aspiring to be a drummer and how she made that happen in the one-of-a-kind country of Australia. Her interview inspires any girl or young woman to believe in herself and pursue a career in music if that is where her heart leads her. Thank you Ms. Moore for meeting with us and thank you to our team of Constança Pereira, Rian Costa, Yuri Sundermeyer, Maria Calado and Constança Simões for all your hard work in bringing us another awesome Coffee Time News interview.

O Coffee Time News e os seus jornalistas viajaram via Zoom até à Austrália para entrevistar a encantadora Clare Moore, cuja longa carreira como baterista na música australiana trouxe-nos uma perspetiva totalmente nova sobre a música e o papel do baterista. Leia como a Clare Moore cresceu ambicionando ser uma baterista e como isso aconteceu neste país único, a Austrália. A sua entrevista inspira qualquer jovem rapariga a acreditar em si mesma e seguir uma carreira na música se é aí que o seu coração a leva. Obrigada Sra. Moore por se encontrar connosco e obrigada, também, à nossa equipa composta por: Constança Pereira, Rian Costa, Yuri Sundermeyer, Maria Calado e Constança Simões por todo o trabalho árduo para nos proporcionar outra incrível entrevista ao Coffee Time News.

CONSTANÇA PEREIRA:

1. In one sentence, how is it to live in Australia?

CLARE MOORE:

I've lived in other countries, so I think I am kind of fortunate to live here as it is a fairly easy place to live and work.

CONSTANÇA PEREIRA:

Numa frase, como é a vida na Austrália?

CLARE MOORE:

Eu já vivi em outros países, então eu acho que sou afortunada em viver aqui, visto que é um lugar bastante fácil de viver e trabalhar.

RIAN COSTA:

2. Australia seems to be in a world of its own and its music seems to have its own sound. Is the Australian scene as isolated as it seems or does it have strong connections with other countries and cultures?

CLARE MOORE:

Some musicians do have strong connections with music scenes in other countries. Some bands are really keen on getting their music out into the world and so they really work hard on that for sure. Others tend to focus on touring here and not overseas. There are a lot of Australian bands who have traveled and worked overseas and a lot of them have been very influential and successful in other countries, especially Europe and North and South America.

RIAN COSTA:

Austrália parece estar num mundo próprio, com a sua música. A sua música parece ter um próprio som. A cena australiana é tão isolada como parece ou tem uma forte conexão com outros países e culturas?

CLARE MOORE:

Alguns músicos têm fortes ligações com cenas musicais com outros países. Algumas bandas gostam realmente de divulgar a sua música no mundo inteiro, e então eles trabalham mesmo muito para o conseguirem. Outras bandas tendem em fazer tournées aqui na Austrália apenas e não pelo mundo. Existem muitas bandas australianas que viajam e tocam no estrangeiro e muitas delas têm muita influência e sucesso noutros países, especialmente na Europa e no Norte e Sul da América.

YURI SUNDERMEYER:

3. You have travelled a lot and played in many places. Which city has brought you the greatest memories?

CLARE MOORE:

I really do think about London a lot, because we lived there for most of the 1980s. I have a fairly deep connection with that place. I was there when I was in my twenties and it was exciting to leave Australia and to fly halfway around the world and to live somewhere you had heard about all of your life.

In Australia, we tend to focus on the UK and the United States. A lot of our TV and movies come from those two places and so we feel that we look towards the UK and the United States when thinking of touring - particularly people with my background which is Irish/Australian. That's why a lot of people from here go straight to London to live. A lot of musicians in the 80s did and they then toured around Europe and went to America because they had that connection.

YURI SUNDERMEYER:

Você trabalha e toca muito em vários lugares. Qual é a cidade que lhe traz as melhores memórias?

CLARE MOORE:

Eu realmente penso muito sobre Londres, porque nós vivemos aí durante a maior parte dos anos 80. Eu tenho uma profunda ligação com esse lugar. Eu vivi lá entre os vinte e os trinta anos de idade e foi empolgante ter saído da Austrália e ter viajado por meio mundo e ter estado em lugares que ouvia falar na minha vida. Na Austrália, estamos muito ligados ao Reino Unido e aos Estados Unidos. A maioria dos programas de televisão e dos filmes vêm destes dois lugares e então nós olhamos para o Reino Unido e os Estados Unidos da América quando pensamos em tournées – especialmente em pessoas com antepassados irlandeses / australianos como eu. Por causa disso a maioria das pessoas decidem viver em Londres. Muitos músicos nos anos 80 fizeram tournées pela Europa e América por causa dessas ligações.

MARIA CALADO:

4. Like another drummer we interviewed, Mr. Michael Shrieve, you started playing as a teenager. Was drumming a calling or did you kind of fall into it? Did you ever imagine that your career would be so long? If you could go back in time for a moment and give yourself a message or warning, what would you tell your younger self?

CLARE MOORE:

I really wanted to be a musician ever since I was very young and I just wanted to go see bands and play. When I got the opportunity to play drums at my school... I just went for it. I had already been playing piano for seven or eight years, so I had that background as well. I wanted to play rock music I decided that very early on. I'm very fortunate to have been able to make that decision. I didn't particularly want to go to university or anything. I just wanted to be a musician and I wanted to be a rock musician too and I was lucky I was in a situation at school where I could actually learn to play the drums. I went to an all-girls school and that was very unusual back then in the 1970s, you know, because in most places you never had a drum teacher; you might have a piano teacher, but not a drum teacher, so I was very lucky in that way.

What would I tell myself? I guess that you do have to believe in yourself. You have to back yourself. You have to decide what you want to do and just do it. Try not to worry so much, just enjoy life.

I kind of always have. I'm not sure what I would tell my younger self.

MARIA CALADO:

Como outro baterista que entrevistámos, Sr. Michael Shrieve, você começou a tocar na adolescência. A bateria foi algo que sempre quis, ou só se interessou por este instrumento mais tarde? Já alguma vez imaginou que a sua carreira fosse tão longa? Se pudesse regredir no tempo por um momento, ou se enviasse alguma mensagem, ou aviso, o que diria ao seu "eu", mais jovem?

CLARE MOORE:

Desde muito jovem, realmente, sempre quis ser músico e queria muito ver bandas, e tocar. Quando tive oportunidade de tocar bateria na minha escola, eu fui em frente. Já toquei piano durante sete ou oito anos, por isso também tinha esse histórico. Eu queria tocar rock! Decidi isso muito cedo. Tenho muita sorte por ter conseguido tomar essa decisão. Particularmente, não queria ir para a universidade, nem algo do género. Eu simplesmente queria ser um músico e queria estar no rock, tive sorte numa situação na escola, onde realmente pude aprender a tocar bateria. Andei numa escola só para meninas e, isso era muito incomum para a época, na década de 1970, porque na maioria das escolas nunca tínhamos um professor de bateria, podíamos ter um professor de piano, mas não um de bateria, por isso tive muita sorte.

O que eu diria a mim mesmo? Eu acho que nós temos de acreditar em nós e apoiarmo-nos. Temos de decidir o que queremos fazer e simplesmente fazê-lo. Tente não se preocupar tanto, apenas aproveite a vida. Eu aproveitava sempre. Não tenho a certeza do que diria ao meu eu mais jovem.

MARIA CALADO:

What is your advice for talented teenage musicians who might be thinking of a career in music, but the world around them seems to push them down more traditional routes?

CLARE MOORE:

It's a tough one I suppose. There have been times when I have had to work, obviously, get an income, but I've always wanted to be a musician and I always wanted to go out and play and be in a rock band and tour a lot. I think for me I knew that's what I wanted to do the most, so that's what I wanted to focus on and I have managed to create a life in music for myself. If you do really want to do it, you just have to realize you have to be willing to go without some things that you might have had otherwise. It's kind of difficult to give advice, because I know it's a very important thing. You're at a very important time and place in your life and it's hard to know which way to go. I think I sort of answered the question or at least I hope I have.

MARIA CALADO:

Qual é o seu conselho para talentosos músicos adolescentes que podem estar a pensar em seguir uma carreira na música, mas o mundo ao seu redor parece empurrá-los para rotas mais tradicionais?

CLARE MOORE:

Eu suponho que seja difícil. Houve momentos em que tive de trabalhar, obviamente, obter um ordenado, mas eu sempre quis ser músico e sempre quis sair, tocar e estar numa banda de rock, e fazer muitas tournées. Para mim, era isso que eu mais queria fazer, então como era isso que queria, concentrei-me e consegui criar uma vida na música para mim. Se realmente queres fazer isso, tens de perceber que vais ter de ficar disposto a abdicar de algumas coisas, que poderias ter tido de outra forma. É um pouco difícil dar conselhos, porque eu sei que é uma coisa muito importante. Estás num momento muito importante da tua vida, onde é difícil saber o caminho que deves seguir. Acho que respondi à pergunta, ou pelo menos espero tê-lo feito.

YURI SUNDERMEYER:

5. When you were a younger musician, did you meet an older, more experienced musician who helped guide you or did that not happen? What is the best way that an experienced musician such as yourself can help the next generation establish themselves?

CLARE MOORE:

I used to go and see a lot of bands. I was around at a time in the 70s when I was able to go and see other bands, because nowadays it can be a little bit hard for people who aren't over eighteen to get into venues. I was able to see more bands in different situations like outdoor gigs. I found out where I could go and find groups to see because I just loved watching people playing live and working out who did what in the band and so in that way I did get to meet some older musicians. Also, at the school I was at, the people who came to teach drums, guitar and bass were local musicians. They were coming to teach us and told us stories of their experiences actually playing in that world that I really wanted to be a part of, so yeah, I did have a bit of contact with experienced players. I do still really enjoy going out and seeing all kinds of bands and lots of younger groups as well. Just going out and supporting other bands no matter their age and also do a bit of teaching of drums as well. You do feel like you want to give something back at some point and I think it is really important these days to support other musicians. We all need to go on social media and actually promote other people's gigs as well as your own and do things like that to make it feel like you are part of a community and just help each other out.

YURI SUNDERMEYER:

Quando você era um jovem músico, conheceu um mais velho, com mais experiência musical que a ajudou a guiar ou não aconteceu nada? Qual é a melhor maneira de um músico experiente como você ajudar os da nova geração?

CLARE MOORE:

Eu costumava ouvir muitas bandas. Eu estava na década de 70s, quando pude ir ver outras bandas, hoje em dia pode ser um pouco mais difícil para quem não tem 18 anos entrar em casas de show. Pude ver mais bandas em diferentes situações, como shows ao ar livre. Eu descobri onde poderia ir e encontrei grupos para ver porque eu simplesmente adorava ver as pessoas a tocar ao vivo, descobrir quem fazia o quê na banda e assim pude conhecer músicos mais velhos. Além disso, na escola em que estudei, as pessoas que vinham ensinar bateria, guitarra e baixo eram músicos locais. Eles vieram para nos ensinar e contar histórias das suas experiências ao tocar naquele mundo do qual eu realmente queria fazer parte, então sim, tive um pouco de contacto com músicos experientes. Eu ainda gosto muito de sair e ver vários tipos de bandas, muitos grupos mais jovens também. Apenas sair e apoiar outras bandas, não importam as suas idades e também ensiná-los um pouco de bateria. Tu vais sentir-te como se quisesse dar algo em retorno, em algum ponto da tua vida e, penso que isso é realmente importante para apoiar

outros músicos. Todos nós também precisamos de usar alguma rede social e, promovendo os concertos de outras pessoas como os teus próprios, para te sentires parte dessa comunidade.

CONSTANÇA PEREIRA:

6. Mr. Dave Graney seems to be a very important part of your life. Was it an instantaneous friendship or did it form over time?

CLARE MOORE:

So, Australia is obviously a huge place. I came from Adelaide, which is the capital of South Australia, which is in the middle and at the bottom of the continent and he came from a country town which would be about a five-hour drive from Adelaide. It was still in the state of South Australia. So, he came from a small country town and moved to Adelaide and I met him in 1977 or 1978. I guess we fell into the same group of people who used to hang out and listen to music because we felt quite isolated being in Australia in a way. We used to have to go to record stores and order in punk rock singles or the music we liked that was happening overseas at the moment and wasn't available everywhere in Australia. You had to seek it out, so Dave and Steve Miller, who was also in the early band, would have parties at their place and me and my friends, would go there. We realized we all liked the same kind of music and we all wanted to be in a band, so we got together that way and started rehearsing. We used to rehearse a lot... three times a week, because we really enjoyed it. There was a social aspect to it as well. We enjoyed each other's company and we enjoyed playing and we were learning, we were really desperate to learn, because it doesn't happen overnight. You have to work on it.

CONSTANÇA PEREIRA:

O Sr. Dave Graney parece ser uma parte muito importante da sua vida. Foi uma amizade instantânea ou foi construída ao longo do tempo?

CLARE MOORE:

Então, a Austrália é um sítio gigante. Eu venho de Adelaide, que é a capital do sul da Austrália, que é no meio e no fundo do continente, e ele veio de uma cidade campestre que é a mais ou menos a cinco horas de Adelaide. Ainda pertence ao estado do sul da Austrália. Então, ele veio de uma pequena cidade campestre e mudou-se para Adelaide, e eu conheci-o em 1977 ou 1978. Eu acho que nós caímos no mesmo grupo de pessoas que costumavam sair e ouvir música porque, de certa maneira, sentíamos-nos um pouco isolados em estarmos na Austrália. Nós costumávamos ir a lojas de discos e pedir singles de punk rock ou a música que estava a acontecer noutros países no momento e, não estava presente em toda a Austrália. Tu tinhas de procurá-la, então Dave e Steve Miller, que também pertenciam à banda desde o início, organizavam festas nas suas casas e eu e os meus amigos, íamos. Nós percebemos que todas nós gostávamos do mesmo tipo de música e todos queríamos estar numa

banda, então reuníamos-nos e, começámos a treinar. Nós costumávamos treinar muito... três vezes por semana, porque nós realmente gostávamos. Havia um aspeto social para isso também. Nós gostávamos da companhia uns dos outros, gostávamos de tocar e aprender. Nós estávamos mesmo desesperados para aprender, porque isso não acontece de um dia para o outro. Tu tens de trabalhar muito.

CONSTANÇA SIMÕES:

7. We interviewed Mr. Albert Bouchard who mentioned his work with a Mr. Deniz Tek. We were listening to a few of your other interviews and you mentioned your love of Radio Birdman, who Mr. Tek plays for. We had two questions due to this. First, how much contact do you get to have with other Australian musicians such as Deniz Tek? Are you a tight-knit community?

CLARE MOORE:

Because Australia is so big, I live in Melbourne and if I have to go to Sydney (850kms) or go to Adelaide (770kms), I'll ring up a drummer friend in either of those places and they'll lend me their drumkit. You can't take all of your gear on planes now so contact with other musicians is important.

I first saw Radio Birdman in Adelaide in about 1977. They used to come to town quite a lot to play. Me and my girlfriend got a train to Sydney as well back then just to see them play. I was really interested in finding out about what it was to be a musician and how to go about it and so I did like speaking to a lot of musicians including the people in Radio Birdman. They were really nice to talk to... really intelligent and they're very good musicians and really keen to meet other people as well.

CONSTANÇA SIMÕES:

Nós entrevistámos o Sr. Albert Bouchard que mencionou o seu trabalho com o Sr. Deniz Tek. Nós estivemos a ouvir algumas das suas entrevistas e você mencionou a sua preferência pelos Radio Birdman, no qual o Sr. Tek toca. Por causa disso, nós temos duas perguntas. Primeiro, que contactos tem com outros músicos australianos como o Deniz Tek? São uma comunidade unida?

CLARE MOORE:

Como a Austrália é tão grande, eu moro em Melbourne, se eu tiver de ir a Sydney (850 km) ou a Adelaide (770 km), eu chamo um amigo meu baterista num desses sítios e eles emprestam-me o seu kit de bateria. Tu não consegues levar todo o teu equipamento nos aviões, então o contacto com outros músicos é importante. A primeira vez que vi os Radio Birdman foi em Adelaide em 1977. Eles costumavam ir lá várias vezes para tocar. Eu e a minha amiga apanhámos um comboio de ida e volta para Sydney, só para os ver tocar. Eu estava mesmo interessada em descobrir o que era ser músico e por isso falei com muitos músicos incluindo o pessoal da Radio Birdman. Eles gostam de conhecer pessoas diferentes, são ótimos músicos e muito inteligentes ... é muito fácil de conversar com eles.

CONSTANÇA SIMÕES:

Have you ever done any songs with musicians who were in other countries? Have you ever collaborated purely using virtual meetings and sending tracks back and forth with someone who lived in another country?

CLARE MOORE:

Definitely, we've done a lot lately. In 2011 we sent a whole album over to a friend, Victor Van Vugt, in -I think he was in Berlin then - and he mixed our album. He's a producer who's worked with PJ Harvey, Nick Cave and Beth Orton. We knew him in Melbourne back in the 1980s and he actually came over to London to do live sound mixing for The Moodists back then. Also, more recently, Dave and I made tracks here, drums and bass, and sent them over to friends in Europe ,the UK and Scotland. I also played vibraphone on a record for musicians in Montana in the USA, Donovan's Brain who are friends of Deniz Tek as it happens It's really great and convenient. It works really well.

CONSTANÇA SIMÕES:

Já alguma vez você fez alguma canção com músicos que estavam noutro país? Já alguma vez colaborou completamente usando plataformas digitais e mandar clipes e receber com alguém que vive noutro país?

CLARE MOORE:

Definitivamente nos últimos tempos temos feito muito isso. Em 2011 nós enviámos um álbum inteiro para um amigo, Victor Van Vugt, acho que ele estava em Berlim na altura, e misturou os nossos álbuns. Ele é um produtor que trabalhou com PJ Harvey, Nick Cave e Beth Orton. Nós conhecemo-lo em Melbourne nos anos 80 e, na altura veio a Londres para fazer música ao vivo para os The Moodists. Mais recentemente em Melbourne, eu e o Dave fizemos faixas para baixo e bateria, e enviámo-las para uns amigos na Europa, Reino Unido e Escócia. Também gravei vibrafone para alguns músicos em Montana nos Estados Unidos, Donovan's Brain, que são por acaso amigos do Deniz Tek. É bom e conveniente. Resultou muito bem.

RIAN COSTA:

8. We have quite a few students who are fans of drummers. They have noticed that real-life drummers in modern music are becoming replaced with drum machines or other technological substitutes. How real of a threat is technology to the drumming community?

CLARE MOORE:

Well, back in the 80s, when we moved over to the UK, there were a huge amount of records that came out that had drum machines on them. So many that I was worried that drummers were going to be replaced and then music somehow went back to a more down-home kind of sound and a band situation. People started to like older musical instruments, so people got away from modern technology and went back to something that they thought was more authentic and real. I have noticed recently though there

are a lot of people who do use backing tracks. They might have a drummer and they'll have in-ear monitoring and the drummer will play along to another track which has drums or orchestra on it. I think there is a lot of technology being used out there and it's getting better all the time. Personally, I don't like playing with in-ear monitoring. I don't really like playing along with click tracks. I mean I'll do it if I have to, but I don't really like it, but if other people want to use that technology, that's fine. I don't think drummers are in any trouble right now. I think it all goes in waves.

RIAN COSTA:

Nós temos alguns alunos que são fãs de bateristas. Eles repararam que atualmente os bateristas na música moderna estão a começar a ser substituídos por máquinas de bateria ou outras tecnologias substitutas. Quão real é a ameaça desta tecnologia para a comunidade dos bateristas?

CLARE MOORE:

Bem, nos anos 80, quando nos mudámos para Inglaterra, havia uma enorme quantidade de discos que saíram com máquinas de bateria. Na altura fiquei preocupada que fossemos substituídos, mas a música de alguma maneira voltou para uma forma mais autêntica de som em situação de banda. As pessoas começaram a gostar de instrumentos musicais mais antigos, fugindo da tecnologia moderna e regressaram para algo que para eles era mais autêntico e real. Eu reparei recentemente que há muitas pessoas que usavam *backing tracks*. Eles poderiam ter um baterista que pelo controlo do ouvido tocava outro som de faixas de baterias ou orquestras ao mesmo tempo. Eu acho que há muita tecnologia a ser usada por aí e está a melhorar com o tempo. Pessoalmente, eu não gosto de tocar com controlo no ouvido. Eu não gosto de tocar com *click tracks*. Quer dizer eu faço-o se tiver que ser, mas eu não gosto disso, mas se outras pessoas quiserem usar essa tecnologia, OK. Atualmente eu não acho que o trabalho dos bateristas esteja em perigo. Eu acho que tudo funciona por ondas.

RIAN COSTA:

What is music to you? When you play are you doing it principally for fun? Are you looking to convey any values or political messages? Many consider music to be entertainment and a release while others view music as a way to change the world. What are your feelings on what music is and what it should do?

CLARE MOORE:

Well, I think music is really important and it has been devalued. For instance you can't watch a documentary film that doesn't have music in it. You'll feel like it goes on for years. Music really adds lots of value, energy and colour. Music is all around us. We listen to it all the time. In recent times the business has changed a whole lot. Everyone is trying to get used to the new world of streaming and Spotify etc. In a couple of years all that might be gone and there might be something else. I don't know. There are a lot of musicians who send messages out with their music, but personally I'm not really one of those people. I'm a drummer, so I'm not actually a singer. If I was a lyricist, I might think more about something like that, do you know what I mean? As a singer you do like to send a message sometimes, so I do think there's a place for that for sure, because it can be something that really strikes to the heart of people, if you do have a strong message, putting it out there doing it through music is a really good way

to do it. Spending time making music with your band mates knowing that it isn't going to be commercial or popular or even entertaining is in its own way political. You are putting your own value on your music.

RIAN COSTA:

O que é a música para si? Quando está a tocar fá-lo principalmente por diversão? Está a tentar transmitir alguns valores ou mensagens políticas? Muitos consideram a música entretenimento e uma forma de descontrair enquanto outros vêm a música como uma forma de mudar o mundo. Em relação ao que a música é, quais são os seus sentimentos?

CLARE MOORE:

Bem, eu acho que a música é muito importante mas tem vindo a ser desvalorizada. Por exemplo, não pode haver um documentário sem música, para o poderes sentir durante anos. A música traz muito valor, energia e cor. A música está à nossa volta. Ouvimo-la todos os dias. Recentemente isto tem mudado muito. Toda a gente está a tentar adaptar-se ao novo mundo do streaming e do Spotify. Daqui a uns anos tudo isto poderá desaparecer e poderá aparecer mais alguma coisa. Não sei muito bem. Há muitos músicos que passam mensagens com as suas músicas, mas pessoalmente eu não sou assim. Eu sou uma baterista, logo não sou mesmo uma cantora. Se eu fosse compositora, eu poderia pensar mais sobre isso, está a perceber? Como cantora você gosta de vez em quando de passar mensagens. Por isso acho que há lugar para isso. Claro, porque pode ser algo que realmente impacta as pessoas, se realmente for uma mensagem forte, metê-la lá fora, no mundo, através da música, é uma ótima maneira de a espalhar. Passar tempo a criar música com os teus colegas de banda, sabendo que não vai ser comercial ou popular ou mesmo algo que entranhe, à tua própria maneira é uma coisa política. Estás a pôr o teu valor na tua música.

CONSTANÇA PEREIRA:

The song *Sensitive to the Cold* is quite good. How do you feel about that track? What role did you have in making that song?

CLARE MOORE:

That song is from the band Harry Howard and the NDE. Harry is Rowland Howard's brother and he formed the band with Dave on Bass and me on drums as well as Edwina Preston on Keys and Vocals. Harry wrote that song and I do really like the bass line. I loved playing it, yeah, but I didn't write it myself. Harry's music is a lot different from what Dave and I play together, so it was a lot of fun doing those three albums.

CONSTANÇA PEREIRA:

A música "Sensitive to the Cold" é boa. O que acha sobre o som? Que papel teve na produção da música?

CLARE MOORE:

A música é da banda Harry Howard and the NDE. Harry é o irmão do Rowland Howard e ele formou a banda com o Dave no baixo, eu na bateria e Edwina Preston no piano e na voz. O Harry escreveu a música e eu gostei muito do som do baixo. Eu adorei tocá-la, sim, mas não fui eu que a escrevi. A música do Harry é muito diferente da música que eu e o Dave tocávamos juntos, então foi muito divertido fazer esses três álbuns.

MARIA CALADO:

Oh, I would like to add that I like “Votes for Women”. Is there anything interesting a fan should know about that track?

CLARE MOORE:

That’s another question for Harry. I’m not sure what Harry was thinking when he wrote that one. I really enjoyed working with another band with a completely different songwriter. It’s interesting how he comes to his songs in completely different ways than Dave does or when I write. It was fascinating. I’m not absolutely sure all the time what all those songs were actually about, but that one was more obvious than some of the others. It was, I guess, a shout out to women and the power they needed to get to that point.

Let me just mention that women in South Australia, the state where I was born, gained the right to vote in 1894 . South Australia was the first colony in Australia and only the fourth place in the world where women gained the right to vote!!!

MARIA CALADO:

Eu gostava de adicionar que gosto da “Votes For Women”. Existe alguma curiosidade que os fãs devam saber sobre a música?

CLARE MOORE:

Isso é outra questão para o Harry. Eu não tenho a certeza no que o Harry estava a pensar quando escreveu essa música. Eu gostei imenso de trabalhar com outra banda, com um compositor completamente diferente. É interessante como ele chega às canções dele com maneiras completamente diferentes das do Dave, ou quando eu escrevo. Foi fascinante. Eu nem sempre tenho a certeza sobre o que é que as músicas falavam, mas essa era mais óbvia do que outras. Foi, acho eu, um abrir de olhos para as mulheres e o poder que elas deviam ter até esse momento. Deixem-me só dizer que mulheres no sul da Austrália, o estado onde eu nasci, adquiriram o direito para votar em 1894. O Sul da Austrália foi a primeira região na Austrália e, só a quarta a nível mundial onde as mulheres adquiriram o direito de voto.

YURI SUNDERMEYER:

In a YouTube video called Portrait Story, you and Mr. Graney talk about a magazine photo shoot, which you seemed to enjoy. Did that magazine help promote your music? In your opinion, what is the best way to promote your music to a new audience?

CLARE MOORE:

I think we found that interview confusing so we improvised!! Basically, whenever you do publicity, it's always good to focus on working out exactly what you want to say and of course mention where you're playing or talk about your album that's about to come out etc. You have to make sure that information gets in there as well and hopefully you can entertain people or tell a story. These days, there's not as many magazines out there as there used to be. I know there are a lot of online publications still, but these days things happen through social media a bit more. Interviews don't happen as often. You tend to have to do a lot of your own press and send it out to people.

YURI SUNDERMEYER:

Há um vídeo no YouTube chamado "Portrait Story", em que você e o senhor Graney falavam sobre uma revista de sessão de fotos, que pareceu gostar. Essa revista ajudou na promoção da música? Na sua opinião, qual é a melhor forma de promover a sua música para uma nova audiência?

CLARE MOORE:

Penso que achámos essa entrevista confusa porque improvisámos. Basicamente, sempre que fazes publicidade, é bom focar exatamente o que queres dizer e, claro, mencionar o que queres tocar e, falar sobre o álbum que está para sair. Tens de ter a certeza que a informação é passada e, esperar que possas entreter as pessoas ou contar uma história. Atualmente já não há tantas revistas como havia. Eu sei que existem muitas revistas online ainda, mas hoje em dia as coisas acontecem mais nas redes sociais. Entrevistas não acontecem com tanta frequência. Tens de fazer a tua própria publicidade, e publicar, para as pessoas verem.

MARIA CALADO:

12. How has being a woman in music changed over your career? Have you seen a lot of important changes and improvements for women in music or not so much? What would be your message to young women working in the music industry?

CLARE MOORE:

When I started, we used to play at a venue called the Seaview Ballroom in Melbourne which had bands like The Boys Next Door, which was Nick Cave's band, and Radio Birdman and people like that would play there. I know those two bands didn't have women in them, but most of the other bands who played at that venue had women in the band and they were also instrumentalists as opposed to just female singers. So, there were a lot of other women playing musical instruments in the scene I was in at the time. So, I was really lucky, because you got to see a lot of other women play which is the best thing for you and your confidence and all those things, so I was fairly lucky that that was the case. It wasn't so much the case when we went over to the UK. There were some women playing in bands...

instrumentalists, bass players and drummers, but not that many and it sort of fell away a bit after that. I found there weren't as many women until about the 2000s. It started to come back again and now it's really good, because there are a lot of women around and playing in bands as instrumentalists, drummers and bass players and guitarists and everything.

MARIA CALADO:

O que é que mudou ao longo da sua vida, como mulher da música? Tem havido muitas mudanças e melhorias importantes para as mulheres na música, ou acha que não? Que mensagem seria importante para si, e para as jovens mulheres que trabalham na indústria da música?

CLARE MOORE:

Quando começámos, costumávamos tocar num local chamado Seaview Ballroom em Melbourne, onde estavam bandas como The Boys Next Door, que era a banda de Nick Cave, Radio Birdman e pessoas assim. Eu sei que essas duas bandas não tinham mulheres, mas a maioria das outras bandas que lá tocavam, tinham mulheres nas bandas e elas também eram instrumentistas, em vez de serem apenas cantoras. Na época havia muitas mulheres a tocar instrumentos musicais, então tive muita sorte, porque consegui ver muitas mulheres a tocar, o que é uma ótima coisa para você, para a sua confiança e para todas essas coisas ... então tive muita sorte com isso. Não foi o caso quando fomos para o Reino Unido. Havia algumas mulheres a tocar em bandas... instrumentistas, baixistas e bateristas, não muitas, mas cada vez se foram vendo menos. Descobri que não havia tantas mulheres até por volta dos anos 2000. Depois começou a voltar novamente, e agora, é muito bom porque há muitas mulheres a tocar em bandas, como instrumentistas, bateristas, baixistas, guitarristas e tudo mais, perto de nós.

MARIA CALADO:

What would be your message to young women working in the music industry?

CLARE MOORE:

Just go out and see other bands that have women in them and support them and play at gigs with them as well. It's really important that you see the other women playing. Don't take shit from anyone and do your own thing.

MARIA CALADO:

Qual seria a sua mensagem para as mulheres jovens, que trabalham na indústria da música?

CLARE MOORE:

Basta sair e ver outras bandas compostas por mulheres, apoiá-las e tocar, também, em espetáculos. É muito importante que você veja as outras mulheres a tocar. Não ature merdas de ninguém, e faça a sua própria coisa.

RIAN COSTA:

13. I was watching an interview with fellow Australian, Genevieve McGuckin, who talked about playing the guitar and said that she had “a sort of quirky sort of way of playing guitar”. How would you describe your style of playing the drums?

CLARE MOORE:

I was really keen on Charlie Watts of the Rolling Stones. I went to see them in 1974. I went just to see him actually. I really like John Bonham too, from Led Zeppelin, but I don't really play like that... maybe a bit more like Charlie Watts. I guess I've always wanted to play in a kind of tasteful way that adds to the music that is being played, rather than playing all over the top of it. I want to be able to give the music some space and I've never been the sort of drummer that does a lot of drum fills and solos. I'm not interested in that. In a way, that's been a little bit hard because often people will say, “You're a girl drummer... do a solo!” And I was like, “I don't want to do a solo!”. I like putting Latin rhythms in rock songs or putting disco rhythms into post-punk songs or things like that. That interests me a lot more.

RIAN COSTA:

Eu estava a ver uma entrevista com uma australiana, Genevieve McGuckin, que falava de tocar guitarra e diziam que ela tinha “uma maneira estranha de tocar guitarra”. Como é que descreveria a sua maneira de tocar bateria?

CLARE MOORE:

Eu estava interessada no Charlie Watts dos Rolling Stones. Eu fui vê-los em 1974, na verdade fui só para o ver. Eu também gostava muito do John Bonham, que era dos Led Zeppelin; mas eu não toco muito assim... talvez um pouco mais como Charlie Watts. Parece que sempre quis tocar dessa maneira, mais genuína, que adicionar à música que se está a tocar. Eu quero ser capaz de dar à música algum espaço, e nunca fui o tipo de baterista que faz muitas drum fills e solos. Não estou interessada nisso. Tem sido um pouco difícil porque as pessoas diziam, “És uma baterista... faz um solo!” . Eu dizia, “Eu não quero fazer um solo!” Eu gosto de meter ritmos latinos nas músicas de rock, ou então, ritmos de disco em canções post-punk, ou coisas assim. Isso interessa-me mais.

CONSTANÇA SIMÕES:

Ms. McGuckin also said that at times she “got overwhelmed”, especially when she switched instruments. Were there times in your career that you felt overwhelmed? How did you get past those times?

CLARE MOORE:

Changing instruments like Genevieve did is really hard. It's very difficult. I found that when I started to play the vibraphone... the vibraphone is obviously related to drums, but you have to know chords and be able to play melodies. When you go on stage and play an instrument that you're not confident with,

you're back to square one again. I know what Genevieve means. She became really good on the keyboards though and she must have worked at it and got up to speed really quickly. Most of the time I've just played drums, so I've always been pretty confident. I've played so many live gigs that I'm confident when I turn up to a venue that I can set up and play to a certain level, so I don't think I have had that nervous feeling for a long time. It's not to say I don't still have the drummer's nightmare which is turning up to a gig and the drumkit is in pieces all over the stage and everyone else is already on stage about to play and you haven't set up your drumkit. I do have that nightmare pretty much every week.

CONSTANÇA SIMÕES:

Sra. McGuckin também se sentiu, por vezes, sobrecarregada especialmente quando mudava de instrumentos. Houve alturas na sua carreira em que se sentiu sobrecarregada? Se sim, como é que ultrapassou esses tempos?

CLARE MOORE:

Mudar de instrumentos como a Genevieve fez, é muito complicado. É muito difícil. Eu descobri isso quando comecei a tocar o vibrafone... o vibrafone está relacionado com a bateria, mas tem de se saber as notas e saber fazer melodias. Quando estás no palco e tocas um instrumento com o qual não te sentes confiante, é como estares a voltar ao início. Eu sei o que a Genevieve queria dizer, ela tornou-se muito boa no teclado e, para isso, deve ter praticado muito, tendo assim progredido rapidamente. Na maioria do tempo eu só toco bateria, por isso sinto muita confiança. Eu já toquei em tantos concertos ao vivo e estou tão confiante, que quando chego ao local e consigo montar a bateria e tocar a um certo nível, acho que não sinto esse sentimento nervoso durante muito tempo. Não estou a dizer que já não sinta o pesadelo de um baterista que chega ao espetáculo, com o kit de bateria ainda por montar, com as peças espalhadas e, todos os outros já estejam no palco prontos para tocar. Eu tenho este pesadelo, basicamente, todas as semanas.

CONSTANÇA PEREIRA:

Finally, she talked about These Immortal Souls and how their music “was sort of unfashionable at the time”... would you consider your music to be fashionable? Is that something you want your music to be?

CLARE MOORE:

These Immortal Souls were fashionable, but more in certain areas like London and some places around Europe for sure. Maybe they weren't mainstream and in the top of the charts. I don't really worry about things like that. I don't think it's good to focus on what the world wants to hear. I think you need to do your own music and put it out there and see what happens. It's best not to dwell on whether you're fashionable or not.

CONSTANÇA PEREIRA:

Finalmente, ela falou sobre These Immortal Souls e como a música deles “era meio fora de moda na época”... você considera a sua música na moda? É algo que pretende que a sua música seja?

CLARE MOORE:

These Immortal Souls estavam na moda, mas mais em certas áreas como Londres e alguns lugares da Europa, com certeza. Talvez eles não estivessem no mainstream e, no topo das audiências. Eu, realmente, não me preocupo com coisas dessas. Não acho bem em concentrar-me, apenas, no que o mundo quer ouvir. Acho que é preciso fazer a nossa própria música, publicá-la e ver o que acontece. É melhor não analisar se estamos ou não na moda.

CONSTANÇA SIMÕES:

14. In an interview on YouTube, your bandmate Mr. Graney, commented that he had always hated the Australian pop music scene. How do you feel about pop music? Is there any pop music that you do secretly appreciate? How do you feel about the Taylor Swift phenomenon?

CLARE MOORE:

I do like lots of songs that are really successful pop hits. I think they come from really talented people who are at the top of their game in song writing and production especially. I think these days there's a lot less random listening of new music like when I go to the supermarket, usually I hear something that's very old like Fleetwood Mac, do you know what I mean? You're kind of hearing hits that are memories... really old stuff. Whereas to hear modern hits or the latest pop hits... it's not actually something you can do randomly. It's more likely you'll hear Fleetwood Mac or Billy Joel or the Eagles or something like that. I think it was easier to access that sort of music a long time ago. Nowadays, you have to go out there and be interested in that particular music and find it.

I don't know any Taylor Swift songs.

CONSTANÇA SIMÕES:

Numa entrevista no YouTube, o seu colega da banda, Sr. Graney, comentou que sempre odiou a cena da música pop australiana. O que acha da música pop? Existe alguma música pop que aprecie secretamente? O que pensa sobre o fenômeno Taylor Swift?

CLARE MOORE:

Gosto de muitas músicas que são sucesso pop, realmente, bem-sucedidas. Eu acho que elas vêm de pessoas realmente talentosas que estão no topo, especialmente, da composição e da produção. Acho que atualmente há muito menos audição aleatória de música nova, por exemplo, quando vou ao supermercado geralmente oiço algo antigo, como Fleetwood Mac, entende o que quero dizer? Você ainda está num meio onde ouve hits memoráveis, coisas muito antigas. Considero que ouvir sucessos

modernos, ou os últimos êxitos pop, não é realmente algo que aconteça aleatoriamente. É mais provável que oiça Fleetwood Mac, Billy Joel, os Eagles ou algo assim. Acho que era mais fácil ter acesso a esse tipo de música no passado. Atualmente, é preciso ir lá fora e ter interesse por essa música para a encontrar. Eu não conheço nenhuma música da Taylor Swift.

YURI SUNDERMEYER:

What are your strongest memories of the 70s?

CLARE MOORE:

Going to see lots of bands in Adelaide. International acts would tour all the time and somehow I managed to get in and see heaps of them. I saw bands like Little Feat, Queen, the Rolling Stones , J.J. Cale ,Lou Reed , Tom Waits, Supertramp and Frank Zappa and all kinds of bands... Bryan Ferry, yeah, there was so much music happening . The 70s were way before computers, so really music was one of the main things going on... music ,film and TV, but that was about it. These days, there are other things to take people's attention away, streaming, gaming etc... Back then music was the biggest game in town .

YURI SUNDERMEYER: Quais são as suas memórias mais fortes dos anos 70?

CLAIRE MOORE: Vou ver muitas bandas a Adelaide. Eventos internacionais faziam tour a tempo inteiro, e de alguma forma, eu conseguia entrar e ver imensas. Vi bandas como Little Feat, Queen, the Rolling Stones, J.J. Cale, Lou Reed, Tom Waits, Supertramp e Frank Zappa e vários tipos de bandas... Bryan Ferry, sim, havia imensa música a acontecer. Os anos 70 foram muito antes dos computadores, então a música era um dos principais acontecimentos... música, cinema e televisão. Atualmente há outras coisas que prendem a atenção das pessoas, como streaming, jogos, etc... Naquela altura a música era o maior jogo da época.

CONSTANÇA PEREIRA: In conclusion, is there anything you would like to promote?

CLARE MOORE: We've been playing in our band that was around in the 1990s. This band was Dave Graney and the Coral Snakes and we recently put out a double vinyl album of Night of the Wolverine, which was a record the band put out thirty years ago. We toured Australia for three months in 2023 promoting that record. Dave and I are always writing and recording, so we'll probably have three more records out next year!

CONSTANÇA PEREIRA: Em conclusão, há alguma coisa que queira realçar?

CLARE MOORE: Tocámos com a nossa banda, na época de 1990. Essa banda era Dave Graney e os Coral Snakes e, recentemente lançámos um álbum duplo em vinil "Night of the Wolverine", que era um disco que a banda lançou há trinta anos. Nós fizemos uma tournée pela Austrália durante três meses em 2023, para promover este álbum. O Dave e eu, estamos sempre a gravar e a escrever, assim, provavelmente haverá mais três discos no próximo ano.